

INDÚSTRIA

Indústria: instabilidade e retração

*Daisy D. S. Zeni**

*Maria Cristina A. Passos**

Indústria de transformação no Brasil

Retrospecto da década de 80

Um rápido retrospecto sobre a indústria brasileira ao longo da década de 80 coloca em evidência a ocorrência de períodos alternados de aceleração e desaceleração do nível de atividades.

De 1981 a 1983, em função da política econômica recessiva adotada, a indústria de transformação apresentou uma queda marcante em todos os seus indicadores mais significativos. Assim, a produção do setor, segundo o Índice de produção física do IBGE, sofreu uma redução de 16,8%, o volume dos investimentos acusou igualmente uma sensível diminuição, o emprego industrial, de 1981 a 1983, caiu 13,92%, e a capacidade ociosa média do setor ficou em torno dos 25,0% da capacidade instalada.

Os primeiros sinais de recuperação tornaram-se perceptíveis em 1984, em razão do significativo aumento das exportações, que se beneficiaram do maior dinamismo apresentado pelos mercados externos, em especial o norte-americano. Entretanto esse crescimento somente se consolidou a partir de meados de 1985, com o abandono da política econômica de cunho recessionista que vinha sendo seguida e a demonstração de uma maior preocupação com a questão do fortalecimento do mercado interno.

Com exceção do segundo trimestre, quando ocorreu uma sensível desaceleração do crescimento industrial — em razão das circunstâncias particulares que marcaram o início do atual Governo e da eclosão de greves em inúmeras empresas —, o ano de 1985 distinguiu-se claramente por um inegável crescimento do setor industrial.

A retomada da produção industrial, com base na ampliação do mercado doméstico, tornou-se viável graças ao aumento da massa salarial, uma decorrência dos maiores níveis de emprego e salários reais então constatados. Da mesma forma, cabe assinalar os estímulos ao consumo representados pela defasagem entre a correção monetária e a inflação e que se refletiram em uma certa corrida aos saques dos depósitos em cadernetas de poupança.

* Economista da FEE.

A expansão da produção industrial teve continuidade em 1986, com um acréscimo de 12,15% até outubro, relativamente ao mesmo mês do ano anterior. Para tal desempenho, muito contribuiu a implementação do Plano de Estabilização Econômica ou Plano Cruzado, que imprimiu um novo dinamismo às atividades industriais. De fato, em razão das medidas de impacto adotadas — em particular o congelamento de preços e o consubstancial acréscimo real dos salários (18% em dezembro de 1986, em relação ao mesmo mês de 1985) —, a demanda resultou bastante aquecida.

Contudo, para o setor industrial, o aumento das margens de lucro somente poderia tornar-se viável mediante uma elevação dos índices de produtividade e um melhor aproveitamento da capacidade de produção instalada. Entretanto esta última se viu rapidamente esgotada pelo crescimento da produção, atingindo, no terceiro trimestre daquele ano, o elevado nível médio de 86%, verificando-se, assim, a urgente necessidade de novos investimentos, que, contudo, se mantiveram elevados por curto período de tempo.

Após o curto período de crescimento da produção industrial, que teve a duração de somente um triênio (1984-86), registrou-se forte desaceleração do ritmo das atividades. Com efeito, já em 1987, a taxa de expansão atingiu somente 0,98%, um mau resultado que deve ser algo relativizado, tendo em conta o ano atípico (1986) tomado como base de comparação.

É preciso assinalar, entretanto, a ocorrência de dois comportamentos distintos no desempenho do setor manufatureiro ao longo de 1987. Assim, em uma primeira fase (janeiro a junho), as taxas mensais de crescimento observadas mostram-se positivas com relação aos mesmos períodos do ano precedente, com tendência à queda a partir de março. A segunda fase (julho a dezembro), por sua vez, caracterizou-se por um declínio acentuado da produção industrial, conforme demonstrado pelas taxas negativas de crescimento então constatadas.

Tais resultados negativos refletiam-se, já no final do primeiro semestre de 1987, no aumento da capacidade ociosa das plantas industriais. Estas últimas passavam efetivamente a conviver com um sensível arrefecimento da demanda, afetada pela alta generalizada dos preços, após o insucesso do Plano Cruzado. As medidas adotadas a seguir, quais sejam, o Plano Bresser e a criação da Unidade de Referência de Preços (URP) como forma de correção dos salários¹, contribuíram para deprimir a demanda interna, uma vez que não permitiram ganhos salariais².

¹ A URP deveria corrigir salários e preços. Entretanto, na prática, após o período de congelamento, somente os salários se conservariam indexados à URP, aumentando a defasagem entre preços e salários à medida que se elevava a inflação.

² Apesar da queda dos salários reais, o índice acumulado do emprego de 1987, em relação a 1986, apresentou uma expansão de 2,5%.

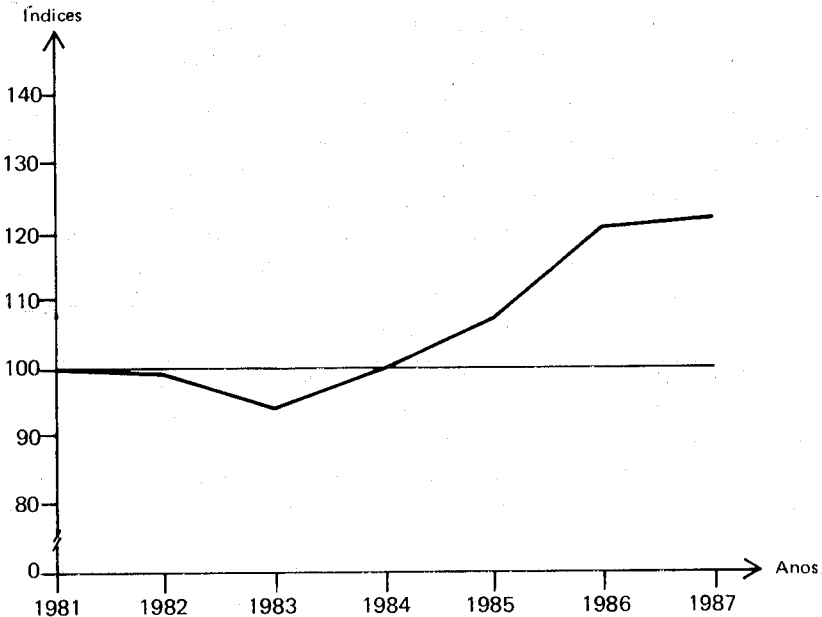
Nesse contexto, a saída representada pelo mercado externo como forma de compensar a desaceleração das compras no doméstico chocava-se com o obstáculo representado pela defasagem entre a taxa de câmbio e os preços internos.

Para superar tal entrave, e testemunhando a nova ênfase governamental colocada nas exportações, foram reduzidos os períodos das desvalorizações cambiais, com reflexos positivos a nível das vendas ao Exterior. Assim, até setembro de 1987, as referidas vendas já haviam se expandido em 3,95% relativamente ao mesmo período do ano anterior.

O Gráfico 1 traça a evolução da produção industrial no período analisado.

GRÁFICO 1

ÍNDICES DE PRODUÇÃO DA INDÚSTRIA DE TRANSFORMAÇÃO NO BRASIL – 1981-87



FONTE: IBGE.

NOTA: Os índices de produção têm como base 1981 = 100.

Aspectos gerais: 1988

O setor industrial brasileiro, em 1988, manteve o movimento declinante observado a partir do último trimestre de 1986 e, além disso, apresentou um comportamento peculiar, que pode ser desdobrado em dois períodos distintos.

Na primeira fase, que compreende os três primeiros trimestres, observou-se o mesmo desempenho irregular que marcou a atividade industrial de 1987. Na verdade, apesar das oscilações que caracterizaram os indicadores mais significativos do setor, foi possível sustentar os níveis de produção, de emprego e de salários em patamares razoavelmente estabilizados. É preciso salientar que isso ocorreu em um panorama geral de altas taxas de inflação e de uma profunda instabilidade econômica, para não se falar dos efeitos negativos associados à carência de uma efetiva política industrial, configurando um conjunto de fatores que, praticamente, tornaram impossíveis quaisquer decisões envolvendo o planejamento do volume de produção, da estrutura de custos e dos próprios investimentos por parte das empresas.

Para explicar a sustentação dos referidos patamares de produção, emprego e salários, que definiram o comportamento do setor industrial até o terceiro trimestre do ano, é preciso recorrer ao impacto de outros fatores. Entre estes, cabe destacar o expressivo crescimento das vendas externas de manufaturados (chegando a perfazer cerca de 75% do valor total das exportações), o aumento da renda gerada no setor agropecuário (em função das boas safras dos dois últimos anos) e a relativa manutenção do poder de compra dos salários, proporcionada pela indexação à URP e pela reposição de perdas passadas via dissídios.

Assim sendo, as previsões realizadas até meados do corrente ano quanto à "performance" da indústria apontavam uma pequena expansão, semelhante à alcançada no ano anterior. Mais do que isso, em consequência do bom resultado do mês de agosto — quando a taxa de crescimento da produção industrial acusou um aumento de 7,33% relativamente ao mesmo mês de 1987 —, houve uma melhoria nas expectativas, passando-se a trabalhar com uma taxa mais otimista, de cerca de 2%.

Detendo-se no exame da Tabela 1, até o mês de agosto, observa-se a progressiva recuperação industrial verificada, o que serviu de fundamento para o relativo otimismo mantido.

A segunda fase do desempenho da indústria no ano teve início no mês de setembro. Mas mesmo a queda da produção detectada naquele mês (-1,37 com relação ao mesmo mês de 1987) não chegou a modificar radicalmente as expectativas quanto à atuação do setor. Assim, o Instituto de Pesquisas Econômicas e Sociais (INPES), tendo como base o citado resultado do mês de setembro, estimou uma taxa de crescimento superior a 1% para o setor industrial em 1988 (GM, 7.11.88, p. 10).

Tabela 1

Taxas de crescimento da produção física da indústria de
transformação no Brasil — 1987/88

(%)

PERÍODOS	TAXAS MENSAIS	PERÍODOS	TAXAS ACUMULADAS
<u>Jan./88</u> Jan./87	-8,80	<u>Jan./88</u> Jan./87	-8,80
<u>Fev./88</u> Fev./87	-8,61	<u>Jan.-fev./88</u> Jan.-fev./87	-8,70
<u>Mar./88</u> Mar./87	0,60	<u>Jan.-mar./88</u> Jan.-mar./87	-5,67
<u>Abr./88</u> Abr./87	-7,76	<u>Jan.-abr./88</u> Jan.-abr./87	-6,19
<u>Maió/88</u> Maió/87	-5,76	<u>Jan.-maio/88</u> Jan.-maio/87	-6,11
<u>Jun./88</u> Jun./87	1,47	<u>Jan.-jun./88</u> Jan.-jun./87	-4,80
<u>Jul./88</u> Jul./87	1,96	<u>Jan.-jul./88</u> Jan.-jul./87	-3,82
<u>Ago./88</u> Ago./87	7,33	<u>Jan.-ago./88</u> Jan.-ago./87	-2,39
<u>Set./88</u> Set./87	-1,37	<u>Jan.-set./88</u> Jan.-set./87	-2,27
<u>Out./88</u> Out./87	-7,87	<u>Jan.-out./88</u> Jan.-out./87	-2,86

FONTE: IBGE.

O mau desempenho apresentado pelo setor manufatureiro durante o mês de setembro foi atribuído a várias causas. Entre estas, assinalaram-se o elevado nível dos estoques formados em função da excepcional produção do mês anterior, bem como a escassez de alguns segmentos produtivos localizados (aparelhos de televisão, rádio e equipamentos de áudio). Indicaram-se igualmente a influência de diversos movimentos grevistas surgidos nessa época e as paralisações no funcionamento das instalações para fins de manutenção técnica, como as que afetaram as empresas produtoras de celulose e pasta mecânica. Outro fator que pode ser considerado como determinante do mau desempenho de setembro reporta-se ao próprio período tomado como base de comparação — setembro de 1987 —, que se caracterizou por uma expressiva expansão das atividades industriais.

A desaceleração do nível de produção no setor confirmou-se em outubro, quando se verificou uma queda brusca dos índices. Assim, relativamente ao mês precedente, o declínio foi de 4,3% e, comparativamente a

outubro de 1987, de 7,87%. É preciso chamar atenção para o fato de ser um comportamento pouco usual uma queda da produção industrial brasileira durante o mês de outubro (essa queda foi a segunda em 14 anos, sendo que a primeira foi verificada apenas em outubro de 1982 e equivaleu a -2%). Com efeito, essa é uma época geralmente caracterizada por grande incremento da atividade manufatureira, em razão do grande volume de encomendas por parte do comércio, que se prepara para atender à demanda aquecida do final do ano.

É necessário também destacar que, não obstante alguns gêneros industriais terem contribuído de forma mais intensa para os maus resultados de outubro, a queda da produção foi generalizada, excetuando-se apenas material de transporte (4,66%) e fumo (9,23%).

Ao procurar as razões explicativas desse comportamento, o IBGE salienta o papel representado pelos setores industriais ligados à agricultura, que anteciparam e concentraram de maneira excepcional o processamento da safra agrícola de verão no período de julho a agosto, o que contribuiu, inclusive, para a alta "performance" que marcou a atividade industrial naqueles meses.

De acordo com a Tabela 2, que apresenta os índices fornecidos pelo IBGE referentes aos meses de julho a outubro dos anos de 1987 e 1988, focalizando o gênero produtos alimentares — um dos setores da indústria que mais utiliza como matérias-primas os produtos oriundos do setor agrícola —, constata-se que, em 1987, a concentração do processamento dos produtos do gênero em pauta ocorreu em setembro/outubro. Enquanto, em 1988, a maior parte da produção se centralizou em julho e agosto.

Tabela 2

Índices de produção da indústria de produtos alimentares no
Brasil — jul.-out. 1987/88

ANOS	JULHO	AGOSTO	SETEMBRO	OUTUBRO
1987	116,17	122,50	129,39	136,22
1988	131,14	133,17	129,23	115,92

FONTE: IBGE.

Em consequência, a partir de setembro, ainda segundo o IBGE, aos efeitos associados a tal circunstância podem ser atribuídos cerca de 40% da baixa constatada a nível da produção industrial. Além desse fato, deve-se ter presente que o comércio do setor tem procurado manter um estoque mínimo, obtendo a maior parte de seus ganhos através de receitas extra-operacionais.

A queda, de certo modo inesperada, ocorrida nas exportações de manufaturados, da ordem de 5,31% em outubro último, relativamente ao mesmo mês do ano anterior, também teve repercussões em termos da baixa produção do mês em pauta. Além disso, o desestímulo representado por uma demanda interna em forte contração (as vendas no varejo, em São Paulo, caíram 10% em outubro, com relação ao mesmo mês em 1987) e a influência das greves que continuaram se fazendo sentir precisam também ser contabilizadas entre os fatores determinantes do decréscimo constatado (Tabela 1).

Com fundamento nesses resultados, as previsões relativas ao desempenho da indústria brasileira em 1988 precisaram ser refeitas em bases menos otimistas. Assim, segundo o INPES, deverá registrar-se uma queda entre 2 e 2,9% em 1988, comparativamente ao precedente (GM, 7.12.88, p. 12).

Análise por categorias de uso

Observando-se a composição da indústria brasileira por categorias de uso, verifica-se que o desempenho do setor de bens de consumo vem refletindo as vicissitudes que marcam o presente momento da economia nacional. De fato, constata-se a ocorrência de um resultado negativo, em termos de produção industrial, entre janeiro e outubro de 1988 — em comparação com igual período do ano anterior —, com a taxa de crescimento ficando em -2,80% (Tabela 3).

É preciso observar que o resultado foi mais satisfatório com relação aos bens de consumo duráveis, que cresceram 0,50% durante o período em questão. Naturalmente, as explicações para tal fato devem ser buscadas na circunstância de uma parte substancial da produção destinar-se a um segmento da população que possui níveis mais elevados de renda e que, portanto, se mostra relativamente menos afetado pela atual crise econômica. Todavia é preciso ter igualmente presente que o setor de bens de consumo duráveis é precisamente aquele que se caracteriza pela menor participação relativa no valor da produção do setor industrial (8,6%) (Tabela 3).

A indústria mais representativa dessa categoria, pode-se afirmar sem receio de incorrer em erro, é a automobilística. Alguns indicadores atestam o vigor de sua atuação em 1988.

Tabela 3

Participação no valor da produção, por categorias de uso, da indústria de transformação e taxas de crescimento acumuladas da produção industrial no Brasil — 1980 e jan.-out.1987/88

CATEGORIAS DE USO	PARTICIPAÇÃO NO VALOR DA PRODUÇÃO EM 1980	TAXAS DE CRESCIMENTO ACUMULADAS
		JAN-OUT/88 JAN-OUT/87
Bens de capital	13,4	-1,98
Bens intermediários	48,3	-1,77
Bens de consumo	38,3	-2,80
Bens de consumo duráveis	8,6	0,50
Bens de consumo não duráveis	29,7	-3,56
Indústria de transformação	100,0	-3,05

FONTE: IBGE.

CENSO INDUSTRIAL 1980; Brasil (1984). Rio de Janeiro, IBGE.

No que concerne à comercialização de seus veículos, as vendas relativas aos meses de janeiro a novembro sobrepujaram, no mercado interno, as do igual período do ano precedente em 28,9%. Com relação à produção, nesse mesmo período, essa indústria produziu 984.700 veículos, dos quais 68,5% foram destinados ao mercado interno, enquanto os restantes 31,5% foram embarcados para o Exterior (GM, 6.12.88, p. 12).

Embora sendo tradicionalmente um dos ramos mais dinâmicos da indústria brasileira, o de eletrodomésticos registrou um mau desempenho de janeiro a setembro, quando a comercialização de seus produtos apresentou um declínio de 13,82% em comparação a igual período de 1987. Na tentativa de reverter esse quadro negativo, as empresas aumentaram seus investimentos em campanhas promocionais (descontos nos preços e propaganda via mídia impressa e eletrônica) e tentaram sua penetração no mercado externo (GM, 18.10.88, p. 10).

A categoria bens de consumo não duráveis, refletindo diretamente o mau momento por que passa a economia nacional, tem registrado um fraco desempenho. Com efeito, a taxa de crescimento calculada pelo IBGE (Tabela 3) foi de -3,56%. Essa taxa representa o pior desempenho em relação às demais categorias.

Parcela significativa da débil atuação das indústrias produtoras de bens de consumo não duráveis pode ser atribuída aos gêneros produtos alimentares; têxtil; e vestuário, calçados e artefatos de tecidos, que, de janeiro a outubro, registraram, respectivamente, as taxas de -1,10, -5,73 e -6,96% em relação a idêntico período de 1987 (Tabela 3 do Anexo II).

Considerando-se a categoria de bens intermediários, identifica-se a incidência de problemas de diversas ordens no corrente ano. Os principais obstáculos que influenciaram o comportamento do setor podem ser assim resumidos: entraves burocráticos nas importações de alguns insumos e componentes; retração do mercado interno; e restrições à qualidade de algumas matérias-primas.

A categoria em pauta apresentou, de janeiro a outubro de 1988, uma queda na taxa de crescimento da produção industrial — sempre em relação ao mesmo período de 1987 — de 1,77% (Tabela 3). Apesar da recuperação constatada nos meses de junho a agosto (2,66, 1,14 e 6,83% respectivamente), a má "performance" de outubro (-7,05%) (Tabela 5 do Anexo II) em relação ao mesmo mês do ano precedente não permitiu que essa categoria chegasse ao final do ano com um resultado positivo em termos de seu crescimento.

Dos setores que produzem bens intermediários, o mais destacado no corrente ano foi, sem dúvida, o siderúrgico. Segundo o Instituto Brasileiro de Siderurgia (IBS), em outubro, um mau mês para a indústria brasileira em geral, as empresas siderúrgicas alcançaram um nível mensal sem precedentes na produção de aço bruto, qual seja, 2,24 milhões de toneladas (GM, 9.11.88, p. 10). Apesar da contração do mercado doméstico para seus produtos, as exportações desse setor estabeleceram um recorde histórico.³

A indústria de papel e celulose também se destacou entre as produtoras de bens intermediários. De acordo com a Associação Nacional dos Fabricantes de Papel e Celulose (ANFPC), a produção desses dois ramos expandiu-se em 0,4 e 2,9% respectivamente. Assim como a indústria siderúrgica, suas vendas para o mercado externo foram muito expressivas, atingindo 63% a mais do que em 1987 (GM, 11.11.88, p. 10).

Também a indústria de fertilizantes apresentou bons resultados em 1988. O Sindicato da Indústria de Adubos informou à Gazeta Mercantil (2.11.88, p. 12) que, até o final de setembro, as suas vendas haviam sido incrementadas em 3,03% sobre o mesmo período do ano passado. Enquanto isso, nos três primeiros trimestres do ano, o setor de autopeças registrou um aumento real no valor da comercialização de 4,0% (JB, 17.10.88, p. 6). Cabe destacar que oito das maiores organizações produtoras de autopeças já se candidataram à nova linha de financiamento criada pelo BNDES, cujo objetivo é "(...) promover a modernização do parque industrial brasileiro, cuja defasagem tecnológica já ameaça a competitividade do produto nacional no mercado externo" (GM, 17.11.88, p. 13).

³ De janeiro a setembro do ano em curso, as exportações siderúrgicas cresceram 57,5% (GM, 9.11.88, p. 10).

A fraca atuação da categoria bens de capital reflete-se no desempenho do gênero mecânica, que, no ano em curso, experimentou um declínio em sua produção de 8,37% (Tabela 3 do Anexo II).

No gênero em questão, a indústria de máquinas agrícolas foi a que apresentou o pior desempenho.⁴ Cumpre, entretanto, destacar que os tratores de maior porte (100 a 199cv) apresentaram taxa de crescimento de 20,2% nas vendas e de 36,5% na produção, enquanto os menores (até 49cv) registraram uma retração nas vendas equivalente a 49,1% nos primeiros nove meses do ano. Esse fato sugere que as indefinições da política agrícola atingiram de maneira mais contundente os pequenos e médios agricultores.

A indústria de máquinas-ferramenta (tornos, fresadoras, furadeiras, retíficas e mandrilhadoras) foi a que, dentre as de bens de capital, apresentou o melhor desempenho (-4,8%). Possivelmente esse fato esteja associado à razão de serem esses bens indispensáveis à maior parte das indústrias, além do caráter de essencialidade em diversas prestações de serviços de manutenção (GM, 23.11.88, p. 9).⁵

A má "performance" da indústria de bens de capital reflete-se no patamar médio de ociosidade com que vem operando. Segundo a Associação Brasileira para o Desenvolvimento das Indústrias de Base (ABDIB), em setembro deste ano, essa categoria operou com 40% de inatividade em sua capacidade instalada. A consequência dessa situação foi a queda no nível de emprego de 3,1% de janeiro a agosto de 1988.

Convém destacar que uma grande parte da indústria de bens de capital vem, nos últimos anos, perdendo competitividade, acumulando uma grande defasagem frente à fronteira tecnológica mundial. Esse fato tem desdobramentos a nível da indústria como um todo, determinando uma queda na qualidade de seus produtos e, em consequência, menores possibilidades para enfrentar a concorrência internacional.

Outro fator que preocupa em relação ao setor de bens de capital é o movimento de recuo que se observa no volume de seus investimentos. Com efeito, muitas empresas do setor praticamente cessaram de investir, em resposta às medidas de contenção ao "deficit" público tomadas pelo Governo e que se materializaram por cortes em suas encomendas, chegando a representar de 50 a 60% da produção do setor.

⁴ As vendas de máquinas agrícolas apresentaram uma queda, nos últimos 12 meses até agosto de 1988, de 45,8% (GM, 23.11.88, p. 9).

⁵ As informações sobre o desempenho da indústria de máquinas-ferramenta foram prestadas à Gazeta Mercantil pela Associação Brasileira da Indústria de Máquinas e Equipamentos (ABIMAQ) e pelo Sindicato Nacional da Indústria de Máquinas (SINDIMAQ).

Neste ponto, e após essa breve análise da evolução do setor industrial brasileiro em 1988, é possível fazer algumas considerações.

A indústria nacional mostra-se em crise na grande maioria de seus setores. Os principais sintomas dessa situação de instabilidade são: a baixa produção do setor em pauta, a má qualidade de muitos de seus produtos, a contração no volume dos investimentos (com desvios para aplicações extra-operacionais) e um nível de produtividade que deixa a desejar.

A retração do mercado interno vem se ampliando progressivamente desde o último trimestre de 1986, não podendo as exportações — onde o setor industrial vem acumulando resultados positivos — se expandir indefinidamente às custas do consumo doméstico.

A estagnação do setor industrial está associada à instabilidade política e econômica que caracteriza o contexto nacional na atualidade. Essa situação reflete-se nas altas taxas de inflação, nos problemas provenientes das dívidas interna e externa e, principalmente, na falta de uma efetiva política industrial, capaz de estabelecer prioridades claras e de oferecer linhas de crédito de médio e longo prazos, a juros que permitam a expansão e a modernização do parque industrial.

No aspecto técnico, a grande defasagem tecnológica dos bens de capital produzidos e utilizados no País tem desdobramentos em termos da qualidade inferior à dos bens finais produzidos, de seus altos custos e da baixa competitividade dos manufaturados mais sofisticados — isto é, de maior valor agregado — no mercado internacional.

Indústria do Rio Grande do Sul — retrospectiva 1988

A análise do desempenho da indústria no Rio Grande do Sul ao longo dos últimos anos evidencia que o setor tem acompanhado as diversas fases de expansão e de contração da produção industrial brasileira. Com uma estrutura produtiva já bastante diversificada, a indústria do Estado não é, no entanto, a mera reprodução, em escala menor, da indústria do centro do País. As diversas peculiaridades em termos de composição industrial que a caracterizam fazem com que, inúmeras vezes, a mesma experimente quedas e retomadas no crescimento da produção com intensidades diferentes daquelas apresentadas a nível nacional. Assim, por exemplo, enquanto nos períodos 1981-83, 1984-86 e 1987-88 a indústria brasileira crescia a taxas de **-3,4%**, **10,3%**, e **-2,4%** respectivamente, no Rio Grande do Sul a produção industrial experimentava taxas de **1,8%**, **6,9%** e **0,4%** (taxas calculadas a partir dos índices de produção física do IBGE).

Em 1988, as taxas do indicador mensal de produção industrial do Estado mostram uma clara intermitência de recuos e breves períodos de recuperação do crescimento até o final do primeiro semestre (Tabela 4).⁶ Nesse sentido, embora o início do segundo semestre seja marcado por um desempenho bastante favorável, quando a produção industrial apresentou uma taxa de crescimento no mês de agosto (relativamente ao mesmo mês do ano anterior) de 13%, tal desempenho não teve condições de sustentação, retornando a produção industrial a percorrer uma trajetória declinante nos meses seguintes.

Tabela 4

Taxas mensais de variação da produção física da indústria do Rio Grande do sul — 1988

INDÚSTRIAS	JAN	FEV	MAR	ABR	MAIO	JUN	JUL	AGO	SET	OUT
Geral.....	-9,43	-5,45	3,38	-4,77	-1,82	0,58	1,39	12,69	-3,55	-13,01
Extrativa mineral..	-17,95	50,02	8,72	23,21	33,69	5,65	34,13	5,71	-31,95	-4,11
De transformação...	-9,36	-5,72	3,34	-4,92	-1,99	0,55	1,23	12,73	-3,37	-13,06

FONTE: IBGE.

NOTA: Os dados têm como base igual mês do ano anterior.

Não obstante a referida intermitência, a evolução mensal da produção industrial do Estado conduziu a uma taxa acumulada até outubro do corrente ano de -2,1%, mantendo, assim, a tendência decrescente dos indicadores da atividade industrial manifestada desde meados de 1987. Com isso, verifica-se o aumento da capacidade ociosa da indústria, que passa de 19% no terceiro trimestre de 1987 para 34% no mesmo trimestre do ano de 1988.

O desempenho do setor industrial do Rio Grande do Sul em 1988 refletiu, assim como o conjunto da indústria brasileira, as incertezas do quadro político e os impasses da política econômica. Os breves períodos de recuperação da produção industrial estiveram muito mais vinculados ao desempenho favorável das exportações e a uma relativa sustentação do salário real, através do reajuste dos salários pela URP (nos meses que antecederam a aceleração do processo inflacionário), do que a um quadro definido de política industrial com condições de direcionar a retomada dos investimentos e, portanto, do crescimento da produção industrial.

⁶ Dado o pequeno peso relativo da indústria extrativa mineral no Estado, restringir-se-á a análise ao comportamento da indústria de transformação.

A seguir será feita uma análise mais detalhada do desempenho da indústria do Estado em 1988, levando-se em consideração os aspectos apontados acima.

Considerando-se inicialmente os sete primeiros meses do ano, verifica-se que a instabilidade entre taxas de crescimento mensais negativas e levemente positivas resultou num fraco desempenho da produção industrial — -2,3% em termos de taxa acumulada no período (Tabela 5). Exceção feita a produtos alimentares; bebidas; e fumo, todos os gêneros da indústria gaúcha com participação significativa tiveram taxas negativas de crescimento (Tabela 2 do Anexo II).

Tabela 5

Taxas de variação acumuladas da produção física da indústria do Rio Grande do Sul — 1988

(%)

INDÚSTRIAS	JAN	JAN-FEV	JAN-MAR	JAN-ABR	JAN-MAIO	JAN-JUN	JAN-JUL	JAN-AGO	JAN-SET	JAN-OUT
Geral.....	-9,43	-7,41	-3,53	-3,86	-3,43	-2,73	-2,16	-0,40	-0,76	-2,03
Extrativa mineral..	-17,95	7,02	7,61	11,13	15,11	13,41	16,00	14,90	9,17	7,76
De transformação...	-9,36	-7,50	-3,60	-3,96	-3,54	-2,83	-2,26	-0,49	-0,82	-2,07

FONTE: IBGE.

NOTA: Os dados têm como base igual período do ano anterior.

Essa retração atingiu mais fortemente as indústrias preponderantemente produtoras de bens de capital (mecânica e material de transporte), de bens de consumo duráveis e de bens intermediários (metalúrgica e material elétrico e de comunicações)⁷, ou seja, aquelas que lideraram o crescimento em 1986 e que mantiveram um resultado positivo em 1987 (com exceção de material de transporte (Tabela 6 e Tabela 2 do Anexo II). A desaceleração na produção de bens de capital esteve fortemente associada ao desempenho do segmento produtor de máquinas e implementos agrícolas⁸, que, sem dúvida, refletiu a falta de uma política agrícola e as incertezas em relação aos financiamentos no decorrer de 1988. Cálculos efetuados pelo IBGE apontam as colheitadeiras agrícolas e os tratores de menos de 55 HP como os dois principais produtos responsáveis pela ta-

⁷ Podendo-se, ainda, incluir minerais não-metálicos; papel e papelão; e química; este último com menor intensidade.

⁸ Deve-se ter presente o elevado peso relativo que o segmento produtor de máquinas e implementos agrícolas tem no conjunto do gênero mecânica e, conseqüentemente, no total da produção de bens de capital do Estado.

xa negativa do gênero mecânica, sendo este o gênero de maior peso na formação do percentual de queda da produção industrial gaúcha, nos sete primeiros meses do ano (IBGE,). O restante da produção de bens de capital teve seu fraco desempenho associado às quedas na demanda de investimento, no que se refere tanto às inversões relativas à modernização quanto às voltadas para a ampliação da capacidade produtiva.⁹

Tabela 6

Taxas médias anuais de variação da produção física da indústria do Rio Grande do Sul — 1986/88

CATEGORIAS DE INDÚSTRIA	1986	1987	1988 (1)
Bens de capital.....	41,0	-2,5	-10,8
Bens intermediários.....	7,3	3,1	-1,5
Bens de consumo.....	6,4	-6,0	2,1
Duráveis.....	23,0	2,0	-8,1
Não duráveis.....	5,4	-6,5	2,9
Indústria geral.....	12,5	-0,8	-2,8

Fonte: IBGE (). *Indicadores da produção industrial dos Estados do Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul (1982-1988)*. Tab. 2. mimeo.

(1) Jan.-jul. em relação a igual período do ano anterior.

No que tange aos bens intermediários, deve-se ter em mente que seu desempenho tende a ser determinado pelos níveis da produção total da indústria e da economia como um todo. No período em questão, visto que os indicadores de produção industrial e aqueles que se referem ao conjunto da economia do País apontam na direção de um aprofundamento do quadro negativo, é justificável que a produção de bens intermediários se encontre em retração. Em conformidade ao que se acaba de aludir, constata-se que, no Rio Grande do Sul, os principais gêneros que compõem essa categoria de indústrias apresentaram taxas negativas de crescimento no período.¹⁰ Um destaque deve ser feito à metalúrgica, dado que foi

⁹ Ver a análise do desempenho das indústrias de bens de capital a nível de Brasil nesta publicação.

¹⁰ É o caso de: química; metalúrgica; minerais não-metálicos; papel e papelão; e material elétrico e de comunicações.

o segundo gênero de maior peso na formação da taxa global negativa da indústria.¹¹

Examinando-se o segmento produtor de bens de consumo não duráveis, constata-se que três dos seus principais gêneros apresentaram um resultado positivo nos primeiros sete meses de 1988, quais sejam: produtos alimentares; bebidas; e fumo. Os dois primeiros, com sua produção voltada para o mercado interno, provavelmente tiveram seus desempenhos associados a uma relativa manutenção do salário real através, principalmente, dos pagamentos da URP e dos resultados positivos dos acordos coletivos (Tabela 7). Quanto ao fumo, que tem uma parcela significativa de sua produção direcionada a atender ao mercado externo, seu desempenho no semestre esteve fortemente vinculado às exportações. Tanto isso é verdadeiro que, até agosto, as exportações de fumo do Rio Grande do Sul, quando comparadas com igual período do ano anterior, cresceram cerca de 36% (Tabela 9).

Dentre os gêneros mais importantes que compõem a categoria de indústrias produtoras de bens de consumo não duráveis, somente vestuário, calçados e artefatos de tecidos apresentou taxa negativa de crescimento no período. Inclusive esse foi o terceiro gênero de maior peso na formação da taxa global negativa da indústria, sendo calças compridas de tecidos para homens e crianças e tênis os dois principais produtos responsáveis pelo indicador (IBGE,). Assim, pode-se constatar que as indústrias do gênero vestuário, calçados e artefatos de tecidos, cuja parcela significativa da produção está voltada para o mercado externo (fabricação de calçados de couro), não foram as que tiveram maior influência no resultado do gênero como um todo. As exportações de calçados do Rio Grande do Sul cresceram cerca de 21% até agosto, em relação a igual período do ano anterior.

Considerando-se a taxa de desemprego na Região Metropolitana de Porto Alegre como um indicador aproximado do nível de emprego do Estado, verifica-se que, de janeiro a agosto de 1988, não houve alterações significativas (Tabela 8). Esse fato, associado à relativa manutenção dos salários reais, aludida anteriormente, deve ter influenciado o nível de atividade dos segmentos industriais mais voltados a atender ao mercado interno, principalmente os bens de consumo não duráveis.

¹¹ Os dois principais produtos responsáveis pelo fraco desempenho do gênero metalúrgica foram: arame de aço comum e aço fundido em formas e peças (IBGE,).

Tabela 7

Rendimento médio real dos empregados com carteira de trabalho assinada na Região Metropolitana de Porto Alegre — 1988

(Cz\$)

MESES	RENDIMENTO MÉDIO REAL
Jan.	2 073,00
Fev.	2 198,00
Mar.	2 161,00
Abr.	2 142,00
Maio	2 316,00
Jun.	2 332,00
Jul.	2 338,00

FONTE: IBGE.

Tabela 8

Taxa de desemprego aberto na Região Metropolitana de Porto Alegre — 1988

(%)

MESES	TAXA DE DESEMPREGO (1)
Jan.	3,05
Fev.	3,82
Mar.	3,89
Abr.	3,55
Maio	3,34
Jun.	3,74
Jul.	3,31
Ago.	3,42

FONTE: IBGE.

(1) Pessoas desocupadas que trabalharam anteriormente em relação às pessoas economicamente ativas.

Tabela 9

Principais produtos exportados para o Exterior pelos portos do
Rio Grande do Sul -- jan.-ago. 1987/88

(%)

PRINCIPAIS PRODUTOS.	PARTICIPAÇÃO NO TOTAL DE 1987	PARTICIPAÇÃO NO TOTAL DE 1988	TAXA DE CRESCIMENTO EM RELAÇÃO A IGUAL PERÍODO DO ANO ANTERIOR
Complexo soja	29,80	21,20	-10,16
Calçados.....	29,95	28,68	20,96
Fumo.....	11,47	12,37	36,31
Carne.....	2,14	1,90	12,06
Outros.....	26,64	35,85	69,92
TOTAL GERAL.....	100,00	100,00	26,30

FONTE DOS DADOS BRUTOS: CACEX.

NOTA: Os dados referem-se à participação do valor, em dólares, no total do valor dos produtos exportados para o Exterior.

Conforme assinalado anteriormente, o mês de agosto apresentou a melhor "performance" da produção industrial do ano, fazendo com que a taxa de crescimento acumulada do período diminuísse sua queda. Dos gêneros incluídos na pesquisa mensal do IBGE, somente química; perfumaria, sabões e velas; e fumo apresentaram recuos na produção, quando comparada com a do mesmo mês do ano anterior. Assim, essa reaceleração do crescimento beneficiou quase toda a indústria de transformação do Estado, mas foi particularmente intensa nos gêneros material de transporte; minerais não-metálicos; e produtos alimentares.

De um modo geral, pode-se associar o crescimento da produção industrial gaúcha no mês de agosto a uma certa reativação do nível de atividade do setor da construção civil,¹² que influenciou positivamente o indicador da produção de minerais não-metálicos, à entrada da safra de 1987/88 e à recomposição de estoques dos ramos processadores de alimentos.¹³ Além disso, o desempenho favorável do setor industrial a nível nacional deve ter produzido efeitos dinâmicos sobre alguns segmentos industriais do Estado, principalmente sobre aqueles cuja produção está diretamente vinculada às indústrias do resto do País.

¹² Segundo índices do IBGE, o nível de atividade do setor da construção civil no Brasil cresceu 5,2% em agosto de 1988 (B. Conj., 1988).

¹³ Ver a análise do desempenho das indústrias beneficiadoras de produtos agrícolas a nível de Brasil nesta publicação.

No entanto essa expansão foi momentânea. Nos dois meses seguintes — setembro e outubro —, a produção industrial do Estado voltou a experimentar taxas negativas de crescimento, resultando numa variação acumulada no período de janeiro a outubro de -2,1%. Em alguns gêneros de indústria, foram registradas taxas fortemente negativas no mês de outubro: química; perfumaria, sabões e velas; metalúrgica; vestuário, calçados e artefatos de tecidos; material elétrico e de comunicações; e produtos alimentares.

Outro indicador do aprofundamento do quadro negativo da indústria do Rio Grande do Sul ao longo de 1988 é o nível de utilização média da capacidade instalada. Nos três primeiros trimestres do ano, verifica-se que a indústria de transformação viu-se onerada por uma crescente capacidade ociosa, que atingiu 34% no terceiro trimestre do ano. Os níveis mais abaixo de utilização da capacidade instalada são identificados para os segmentos produtores de bens de capital e de bens intermediários, que apresentaram os mais fracos desempenhos no período (Tabela 10 e Tabela 6 do Anexo II).

Em suma, os breves períodos de recuperação da produção industrial foram insuficientes para alterar a tendência decrescente de seus indicadores. O desempenho do setor industrial do Estado, ao longo do período examinado, retratou a crise econômica do País, caracterizada por altas taxas de inflação e sinais de estagnação econômica. Os problemas financeiros enfrentados pelo setor público e a elevada dívida externa constituem empecilhos estruturais que devem ser superados para que se retome a trajetória de crescimento a longo prazo da economia brasileira.

Tabela 10

Utilização média da capacidade instalada no Rio Grande do Sul — 1988

PERÍODOS	INDÚSTRIA DE TRANSFORMAÇÃO	BENS DE CONSUMO	BENS DE CAPITAL	MATERIAL DE CONSTRUÇÃO	CONSUMO INTERMEDIÁRIO
1º trimestre.....	78	79	67	79	84
2º trimestre.....	76	80	63	71	86
3º trimestre.....	66	78	63	65	57

FONTE: SONDAEM CONJUNTURAL DA INDÚSTRIA DE TRANSFORMAÇÃO DO RIO GRANDE DO SUL (1988). Porto Alegre, FEE.